

Espiritualidades contemporâneas: vivência numa comunidade indígena do município de Aracruz/ES

Contemporary spiritualities: experiences in an indigenous
community in the city of Aracruz/ES

~

Arlete Maria Pinheiro Schubert¹

Eliane Maura Littig Milhomem de Freitas²

Resumo: Esse artigo tem como propósito apresentar a culminância de um componente curricular do curso de teologia ministrado na Faculdade Unida de Vitória pelas professoras autoras. Dentre as competências esperadas dos e das discentes destacam-se vivenciar e analisar práticas de espiritualidades em um ambiente cultural e religioso indígena e dialogar sobre possíveis caminhos de convivência e respeito com as diferentes formas de expressões religiosas. A metodologia utiliza-se de bibliografia e das percepções na vivência realizada. Tomamos como referência autores/as inseridos em nossas aulas para compreender sentidos atribuídos a religião e autores/as estudiosos/as de questões relativas às religiosidades indígenas. Como resultados exitosos ressaltamos o encontro dos discentes do componente curricular com a comunidade Guarani, cuja experiência proporcionou reconhecimento cultural e religioso, entre outros.

Recebido em 29 de junho de 2025

Aceito em 02 de julho de 2025

¹Docente da Faculdade Unida de Vitória (FUV), pesquisa as retomadas do Povo Tupinikim em interfaces e educação própria; indígenas em retomadas em contextos urbanos. É Membro fundadora e conselheira do Movimento Plurinacional Wayrakuna. Vice-líder do Grupo de Pesquisa Wayrakuna vinculado à Resistência das Ancestralidades das Indígenas Mulheres no Brasil (CNPQ/UNEB/UNIDA). E-mail arlete@fuv.edu.br CV <http://lattes.cnpq.br/3010708242466735>.

² Docente da Faculdade Unida de Vitória (FUV), pesquisadora da área do Ensino Religioso. Membro do Conselho do Ensino Religioso do Estado do Espírito Santo (CONERES). Líder do Grupo Compreender (CNPQ/UNIDA). E-mail eliane@fuv.edu.br CV <http://lattes.cnpq.br/3768969420465227>.

Palavras chaves: Espiritualidade Contemporânea; Religiosidade; Vivências Indígenas; Bem Viver.

Abstract: The purpose of this article is to present the culmination of a curricular component of the theology course taught at the Faculdade Unida de Vitória by the author professors. Among the competences expected of the students, the most important are to experience and analyze spirituality practices in an indigenous cultural and religious environment and to discuss possible ways of living together and respecting different forms of religious expression. The methodology is based on bibliography and perceptions of the experience. We used as a reference authors who were included in our classes to understand the meanings attributed to religion and authors who studied issues relating to indigenous religiosities. As successful results, we highlight the encounter between the students of the curricular component and the Guarani community, whose experience provided cultural and religious recognition, among other things.

Keywords: Contemporary Spirituality; Religiosity; Indigenous experience; Good living.

Introdução

A religião ocupa parte importante na vida social e política dos indivíduos. No entanto existem questionamentos comuns tais como: o que é religião? As religiões são tantas quantas as culturas? Para que ou a quem servem? Existem pontos em comum no cerne das religiões? Elas são sérias? Existe charlatanismo no meio religioso? De que forma as religiões podem contribuir para a constituição dos valores, da ética e da competência rumo ao caminho da convivência e da solidariedade?

Em vista de tantas interrogativas dialogamos sobre as espiritualidades contemporâneas, porém demos ênfase a diversidade de experiências religiosas que conhecemos. Como culminância realizamos uma visita a uma comunidade indígena Guarani localizada no município de Aracruz-ES. E embora muitas das perguntas levantadas merecem destaques, o decorrer do semestre não foi suficiente para maiores aprofundamentos e não será esse o objetivo neste artigo.

No entanto, um ponto de visibilidade bastante discutido em todo o percurso do componente curricular diz respeito à tolerância religiosa, ou melhor dizendo, a convivência e o diálogo com as religiões; o que não significa ignorar as diferenças existentes, bem como as contradições. Portanto, dada a necessidade de compreender esse aspecto, optamos por jogar luz para discernir a importância dessa

questão no debate das manifestações das religiosidades na sociedade para além dos estudos e reflexões com os discentes em aulas.

Para melhor compreensão do currículo vivido nessa experiência organizada como culminância do componente estruturamos o presente texto em seções, sendo que na primeira seção vamos tratar do tema “Espiritualidades Contemporâneas: alguns destaques”. Pretendemos dialogar sobre os sentidos de espiritualidades no tempo atual, e o percurso empreendido para junto aos discentes construirmos um conhecimento que pudesse ter significado para as reflexões acadêmicas e para o mundo da vida de seres dotados de sentimentos e espiritualidades.

Na segunda seção abordamos o tema do Bem viver em meio ao mundo secularizado e os direitos da natureza procurando compreender sua relação com os conceitos desenvolvidos por estudiosos do assunto e discorrer sobre as interações entre natureza e esses coletivos em meio a complexidade da vida.

Na terceira e última seção avançamos com o tema apresentando o Bem-viver como um modo de ser dos povos originários para apresentar propriamente o relato da imersão realizada junto à comunidade indígena Guarani *Ka’aguy Porã*, em Aracruz, no estado do Espírito Santo.

O processo de organização seguiu alguns protocolos, isto é, foi imprescindível buscar possibilidades para a Vivência, o que envolveu contatos e conversas prévias com as lideranças indígenas sobre nossa abordagem e objetivos, encontrar a melhor data para todos, conversar com os/as estudantes sobre o protocolo a ser observado junto à comunidade, seja quanto aos espaços culturais e, particularmente, no espaço da Opy, a casa de reza guarani.

Entre outros aspectos esse protocolo deveria contribuir para o enriquecimento do contato e da vivência dos dois grupos como um todo. Por se tratar da visita *in situ* colocamos como subtema “Uma vivência com uma comunidade indígena: interações possíveis”.

Essa experiência favoreceu uma maior compreensão do fenômeno religioso em outros contextos culturais, assim como estranhamento uma vez que o sentir-se afetado por meio da percepção da alteridade religiosa indígena, trouxe aos participantes da atividade os sentidos de conexão, de relações, de respeito e solidariedade com e em outros contextos religiosos e socioculturais.

1. Espiritualidade Contemporânea: alguns destaques

Ao tentar definir o termo religião, os autores canônicos elaboraram algumas delimitações que, conforme Peter Berger, não podem ser “verdadeiras” ou “falsas” por sua própria natureza. Elas podem “apenas ser mais ou menos úteis”, como reflete o autor em seu livro “O dossel sagrado”. No entanto, ele adverte, “caso haja discrepância entre definições num dado campo, tem sentido discutir suas respectivas utilidades.”³

Nesse sentido, trazemos algumas definições com o fito de contribuir e aproximar o diálogo em relação às seções seguintes que procuraram exprimir outras práticas religiosas mais afeitas ao universo das tradições indígenas.

Conforme Friedrich Schleiermacher (1768-1834), citado por Gaarder, Hellern e Notaker.⁴ “[...] a religião é um sentimento ou sensação de absoluta dependência”. Para muitos crentes a dependência é parte essencial do viver religioso, pois denota um ato de fé e entrega total em diversas instâncias de suas vidas. No mesmo texto o autor assinala, desta vez conforme Helmuth von Glasenapp (1891-1963): “A religião é a convicção de que existem, poderes transcendentais, pessoais ou impessoais, que atuam no mundo, e se expressa por insight, pensamento, sentimento, intenção e ação”.⁵

Os autores Gaarder, Hellern e Notaker asseveram sobre a importância de estudar a religião a partir de quatro ângulos, ou seja, o conceito que denota sobre a crença, as formas de cerimônia, a organização e a experiência.⁶ Tais ângulos se constituem num processo didático para entender ou estudar as religiões.

Observa-se, no entanto, que essa complexidade é muito maior, e nem sempre será possível encontrar tais elementos dentro das “caixinhas” organizadas por uma didática que possa ser acionada assim que ocorrer alguma dúvida ou mesmo houver a necessidade da busca de alguma informação.

De modo geral, as celebrações e cerimônias têm como objetivo promover o contato com o sagrado, e, portanto, a sua realização acontece em lugares considerados sagrados por tal ou qual crença religiosa, privilegiando-se lugares como templos, mesquitas, igrejas,

³ BERGER, Peter. *O dossel sagrado: elementos para uma sociologia da religião*. Tradução José Carlos Barcellos. São Paulo: Paulus, 1985, p. 181.

⁴ GAARDER, Jostein; HELLERN, Victor; NOTAKER, Henry. *O livro das religiões*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010, p.16

⁵ GAARDER, HELLERN, NOTAKER, 2010, p. 17

⁶ GAARDER, HELLERN, NOTAKER, 2010, p. 20 a 38.

terreiros etc., nos quais há objetos e elementos sagrados: utensílios, altares, esculturas, alimento, bebida, fetiches, árvores sagradas entre outros. Os cerimonialistas religiosos, por sua vez, também podem ser especialmente consagrados a esse trabalho e no limite, algumas crenças os consideram sagrados.

As palavras sagradas exercem no culto uma função relevante: orações, invocações, trechos de textos sagrados e os mitos, muitas vezes associados a ritos específicos.

Em tais cerimônias e vivências observam-se a presença de uma série de elementos como orações, cantos, oferendas, sacrifícios de alimentos ou expiação, rituais entre outros que contribuem para o pulsar da espiritualidade que por muitos anos se convencionou chamar de religiosidade.

Em tempos mais atuais surge um novo paradigma que conforme Rocha,⁷ trata da desinstitucionalização do religioso, cujo cenário apresenta o “novo” anseio pela religião. O autor citado se refere a “Secularização” iniciado no interior da Modernidade Ocidental, resultante de uma nova compreensão do religioso e destaca sobre “a lenta saída do eixo teocêntrico, orientado pela igreja cristã, para a construção de um novo eixo, livre da autoridade dessa mesma igreja, centrado no ser humano e orientado pelos intelectuais.”⁸

A secularização depreende que a sociedade deixa de ser regida pelo comando unívoco da religião e, inevitavelmente, cede seu domínio às variadas “instituições”, organizadas ou não. Desse modo, a religião deixa de ditar as normas e passa a ser de foro íntimo, restrita ao espaço privado.

De conformidade com o autor, a religiosidade se apresenta de uma maneira mais livre, mais desinstitucionalizada, mais aberta à pluralidade e em diálogo não somente com o ateísmo ou agnosticismo, frutos da secularização, como também com outras tradições religiosas.

Desse modo a vida religiosa ganha novos contornos, preocupada mais com as sensações do que com as racionalizações, traz as marcas da autonomia do sujeito. Observa-se a privatização do sagrado que pressupõe “lugares hermenêuticos”⁹. E ainda o descontentamento das pessoas com as próprias Instituições religiosas

⁷ ROCHA, A. Esp. em ambiente corporativo. In: ROCHA; OLIVEIRA; MARLOW. *Espiritualidades contemporâneas*. Vitória: Unida, 2013. 2013, p. 21.

⁸ ROCHA, 2013, p. 21

⁹ ROCHA, 2013, p. 22.

que, por sua vez, não conseguem responder aos anseios de uma nova cultura cada vez mais líquida, como sugere Rocha:

Temos então uma privatização da experiência do sagrado, que não se sujeita mais aos dogmas oficiais das religiões organizadas, mas exprime-se de maneira livre, afeita a pluralidade religiosa de forma a transcender a dimensão institucional da fé.¹⁰

Depreende-se que a espiritualidade contemporânea exige e se constitui de novos arranjos que se desenvolvem em um contexto marcado por transformações sociais e culturais que demandam criatividade, leituras e ressignificações que por sua vez produzem distintos modos de vida e singularidades.

Nessa nova perspectiva Leonardo Boff, citado por Novais e Fernandes afirma que “experimental Deus não é só pensar sobre Deus, mas sentir Deus na totalidade de nosso ser. Experimental Deus não é falar de Deus aos outros, mas falar a Deus junto com os outros”.¹¹ Tal entendimento denota uma espiritualidade comunitária com uma roupagem diferente com vistas ao bem comum.

De conformidade com os autores citados a característica da espiritualidade cristã identificada por Boff, se resume em duas palavras; sendo a primeira a compaixão e a segunda o compromisso. Essas palavras são muito fortes e indicam no dizer de Boff um encontro com o Deus revelado em Cristo, sendo, portanto, exigente, pois espera-se uma vivência na lógica da encarnação e que tal ocorre no cotidiano seja nas coisas simples ou mais complexas. Como esclarece: “Quando abrimos nossa porta para o próximo, eis que o próprio Senhor é quem bate à nossa porta e estabelece a sua morada em nós”.¹²

Tal feito restabelece o cuidado e amor ao próximo que expressa uma espiritualidade mais abrangente, isto é, que vê os indivíduos na sua totalidade e integralidade, e para tanto se faz urgente a busca por

¹⁰ ROCHA, p. 2013, 24.

¹¹ NOVAES, Lucimar Nascimento. FERNANDES, Márcio Luís. Notas sobre os Desafios da Espiritualidade Contemporânea: Uma Leitura a partir de Leonardo Boff. *Caderno Teológico da PUCPR*, v. n. 1, 2022, p. 3. Disponível em

<https://periodicos.pucpr.br/cadernoteologico/article/view/28030/24844>.

Acesso em 31 de maio de 2025.

¹² NOVAES, FERNANDES, 2022, p. 4.

um mundo mais justo e fraterno, no qual caibam todas as pessoas com suas singularidades.

Entretanto a contemporaneidade se tornou muito complexa, pois ao se buscar a espiritualidade, num mundo secularizado observa-se que os processos políticos, com suas nuances variadas se manifestam em boa parte de forma corrompida, e, portanto, os desafios ocorrem em diversas instâncias, e assim os indivíduos vão se constituindo como sujeitos descartáveis.

Nesse sentido dialogamos acerca da espiritualidade buscada, se é aquela que fala do amor pessoal, ou do amor comunitário citado anteriormente ou a que busca e oferta sossego pessoal, comodidade e bem-estar e, desse modo, tornar-se um “*bon vivant*”, que passa a usufruir de uma vida que, embora considerada mais sustentável e em harmonia com a natureza deixa de perceber nessa busca as condições da comunidade onde está inserido.

Desse modo refletimos como as práticas de resistência às sequelas do colonialismo e do capitalismo, que incentiva o individualismo, encontram-se presente entre os povos originários que buscam criar condições mais integradas às sociedades, que sejam solidárias e sustentáveis de todos os entes de vida na terra.

2. O Bem viver em meio ao mundo secularizado e os direitos da natureza

O tema desta seção esteve presente entre as perspectivas apresentadas nas aulas do componente curricular e para tal lançamos mãos de reflexões embasadas no livro do autor Alberto Acosta, “O Bem Viver: uma oportunidade para imaginar outros mundos” (2016), um dos responsáveis por colocar em pauta os Direitos da Natureza na Constituição do Equador, em 2008. Acosta é um dos estudiosos que defende a ideia de que “a Natureza não é muda” e que deve ser libertada da condição de mero objeto de propriedade dos seres humanos.¹³ O Bem Viver, além de ser uma filosofia, é um conceito em construção reconhecido e integra declarações constitucionais de países como Equador e Bolívia.

Assim percebido, os Direitos da Natureza encontram-se cada vez mais imbricados com os Direitos Humanos, sendo

¹³ ACOSTA, A. *O Bem Viver: uma oportunidade para imaginar outros mundos*. São Paulo: Editora Elefante, 2016, p. 126

necessário entender essa cosmovisão que é inclusiva, entendê-la como, “uma reação ao choque de visões, não fratura, mas de costura de estéticas, emoções, desejos, conhecimentos e saberes, que são elementos consubstanciais do Bem Viver”, conforme Acosta.¹⁴

Para contribuir com reflexões sobre os dilemas do nosso tempo em que agoniza a Terra e todo os seres vivos diante a *degradação* de suas vidas, também pudemos refletir e dialogar em nossas aulas sobre aspectos da criação no livro de Gênesis e no Popol Vuh, experiências vividas em tempos-espacos distintos que podem ser aproximadas, dialogadas, escutadas e reconhecidas como modos de viver e realidades que também produzem cosmovisões distintas.¹⁵

A comunidade indígena Guarani nos dispôs uma constelação de seres humanos e não humanos que sempre existiram e que são parte de seus mundos e suas formas de vida. Eles escutam e aprendem sobre a experiência de existir e estão afetados por essas existências antigas, dos seus ancestrais, as águas, as plantas, os animais, o fogo, a terra.

A interação dialética entre as práticas coletivas de criação de mundos integrados às religiosidades é perceptível nas noções dos povos indígenas que buscam manter um mundo socialmente construído e habitável em um modo que podem se relacionar e interagir com as comunidades de vida das quais dependem. Desse modo, a imersão proporciona reconhecer mesmo que superficialmente diferentes realidades envolvidas em suas práticas que favorecem uma percepção de Bem Viver que possa contribuir para amplificar esse compromisso em trazer conforto à toda a vida na Terra.

“Buen Vivir”, portanto, uma alternativa para uma sociedade que considera sistemas e habilidades de coletivos autos sustentados que respondem com responsabilidade, ou seja, que respondem com habilidade às demandas da vida e acenam com a oportunidade para desenvolver alternativas de organizar o viver no mundo, em resposta ao modelo de desenvolvimento predador contemporâneo.

3. O Bem viver e os povos indígenas: Uma vivência em uma comunidade indígena: interações possíveis

¹⁴ ACOSTA, 2016, p. 141

¹⁵ POPOL VUH. *O esplendor da palavra antiga dos Maias-Quiché de Quauhtlemallan*: aurora sangrenta, história e mito. Tradução Crítica e notas Josely Vianna Baptista. São Paulo: Ubu Editora, 2019.

O Território indígena *Ka'aguy Porã* fica localizado no município de Aracruz, no estado do Espírito Santo e abriga uma comunidade indígena Guarani com pouco mais de 150 pessoas. Seus membros ousaram retomar e habitar um corpo-território degradado há várias décadas pela monocultura de eucalipto e pelo pasto para fins de criação de gado. Como observamos, o conceito de religiosidade, espiritualidade e de sagrado existe em múltiplas culturas e podemos percebê-los nos quatro cantos do mundo. No universo dos mundos indígenas essas concepções reverberam em diferentes povos originários e estendem-se às matas e tudo que nelas habita.

No primeiro contato, noções de comunidades de vida e relações integradas a outros entes *não humanos* parecem muito estranhas e aparentemente não razoáveis. E nos perguntamos sobre como olhar para tudo isso não apenas para compreendê-los dentro dos termos da religiosidade ocidental, mas no nível de uma outra história e religiosidade que ainda nos é desconhecida.

Nas tradições indígenas essas concepções evoluíram ao longo de milhares de anos e no tempo presente são tratadas por pesquisadores ambientalistas como assuntos relacionados à ecologia e ao meio ambiente a ponto da noção de “bosques sagrados” ser reconhecida pela ONU e pelo Escritório do Secretariado da Convenção sobre Diversidade Biológica. São culturas de tradição milenar que reconhecem a complexa interação entre as sociedades humanas e não humanas, como tratadas por antropólogos e estudiosos das culturas indígenas.

Durante as aulas tivemos a oportunidade de trabalhar alguns aspectos das cosmovisões presentes na Bíblia e no Popol Vuh,¹⁶ bem como de povos indígenas, como os Guarani, a partir de textos e diálogos com as professoras e convidados.¹⁷ Refletir sobre a relação entre mitos de criação e de origem numa perspectiva de valorização da vida em comunidade e em interação com demais entes da natureza e, portanto, em uma conexão holística. Esse pensamento mobilizou as docentes a proporem ao grupo de graduandos do componente curricular “Espiritualidades Contemporâneas”, uma vivência comunitária na aldeia indígena Guarani, como conclusão das atividades do semestre.

¹⁶ POPOL VUH, 2019, p. 7-27 e 31-36 e 98-112.

¹⁷ Convidamos o pastor e estudioso das questões ambientais, Werner Fuchs, da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB), para conversar sobre a Criação e o Bem viver, e a Dra. Roberta Traspadini para conversar sobre Mística e Criação.

3.1 A organização da Vivência com os coletivos

Conforme pode-se observar, o convite foi um dos elementos elaborado em diálogo entre docentes e a liderança guarani e de início já apresenta provocações. Pode-se observar que no convite, em relação ao cronograma, encontra-se um momento de partilha de direitos da natureza, almoço e ainda a oferta das lideranças indígenas para uma “oportunidade para troca”. Levando em conta que o grupo iria usufruir de um dia na comunidade teria a oportunidade e o privilégio de realizar a oferta de alimentos para os familiares do grupo que iria nos receber. Desde o início da organização da vivência os acordos foram firmados entre e com os indígenas e a percepção do grupo visitante foi aguçada por essa ideia de trocas de bens materiais e imateriais como parte das relações de reciprocidade.



Convite elaborado pela discente Carla Coutinho em diálogo com as docentes.

Os povos originários de modo geral não se apoiam numa sistematização teológica, mas numa forma aberta que procura sempre inserir e agregar. Observou-se que a forma de viver a religiosidade no universo indígena difere muito do convencional e conhecido pelo grupo visitante.

Marcelo Guarani, que nos recebeu na aldeia, explica que para o indígena a espiritualidade está sempre relacionada a uma forma de desfrutar plenamente a criação. E isso acontece quando caminham na mata, deitam-se em suas redes, ou mesmo reúnem-se para cantar,

dançar e em suas formas de agradecer a Nhanderu. O relato que iniciou na caminhada pela aldeia continuou na pequena Casa da cultura onde encontram-se alguns objetos e adornos e vários registros fotográficos de suas lutas pela retomada do território. Ele sinalizou para essa forma de viver a história e a espiritualidade que favorece aquilo que chamamos de religiosidade e de interculturalidade – questão que apontamos como central para o entendimento entre os povos.

3.2 Relato fotográfico: registros afetivos



Foto 1. Marcelo Guarani celebrou com o grupo esse encontro e agradeceu a presença e pelos presentes e trocas. (arquivo das autoras).

Na chegada fomos recebidos por adultos, jovens e crianças que já se encontravam na cabana central. Uma indígena criança limpava

o caminho de entrada da cabana central e uma das participantes do grupo visitante observou que o líder havia avisado que os jovens também estavam limpando os caminhos das matas para nós receber.

Antes de iniciarmos a caminhada na mata, almoçamos e dividimos os alimentos com o grupo que prontamente aceitou num gesto de convivência ativa. A comida é um dos elos que une as pessoas que aceitam viver compartilhando aquilo a que têm acesso num gesto de convivialidade e de gratidão pela vida.

Também soubemos sobre os alimentos que são produzidos em pequena escala e sobre os quais eles guardam respeito. São espécies preservadas e a salvo da industrialização graças à relação que eles guardam com esses alimentos considerados sagrados. Para a comunidade, foi Nhanderu que deixou os alimentos, e as bebidas como *aroka*, suco tirado do mel, e *mbojape* (pão feito de milho) eram comidas e as crianças aprendiam muito sobre essas coisas na Opy.

Com essa informação obtida anteriormente em nossos diálogos com o grupo visitante uma participante resolveu compartilhar sementes de milho negro originário, espécie ainda conservada pelos povos andinos da Bolívia, que entregou à comunidade indígena como agradecimento e apoio.



Foto 2. Observação e entrega do milho negro dos povos andino a comunidade Guarani. (Arquivo das autoras)

A caminhada guiada na mata revelou informações preciosas ao grupo. O líder explicou que a mata fora restaurada por eles que

pacientemente plantaram mudas e rezaram para que a vida voltasse a brotar em meio às ruínas dos empreendimentos capitalistas.



Foto 3. A caminhada nas trilhas da mata (arquivo das autoras)

A visita a Opy constituiu-se outro momento importante quando ao final da tarde fomos conduzidos pelo casal que nos recebeu, Marcelo e sua companheira Fernanda, para participar parcialmente de um ritual guarani dirigido por outro grupo familiar responsável pelos cuidados com a casa de reza.



Foto 4. Opy – Entrada da Opy (Arquivo das autoras)

Adentramos o espaço religioso no final da tarde, quando o sol começava a se despedir. No centro da Opy o fogo aceso iluminava os quatro cantos da casa, e havia velas acesas simbolizando os pontos cardeais. Foi possível discernir uma rabeca, um violão e algumas maracás, em meio ao claro-escuro do ambiente.

Algumas esteiras, colchonetes e banquinhos rente ao chão eram os únicos móveis oferecidos para o grupo se acomodar e aguardar em silêncio, enquanto o líder religioso traga o fumo do seu petyngua que inebriou o interior do pequeno recinto, o que provocou desconforto a algumas pessoas do grupo no primeiro momento, mas aos poucos foram se acostumando a penumbra e ao ambiente.

Após uns minutos de silêncio o líder do ritual explicou sobre a presença de alguns elementos e seus significados, como por exemplo uma cruz junto a fogueira que representava e indicava os pontos cardeais iluminados pelas velas e os instrumentos que acompanhariam o coral de crianças que apresentou vários cânticos em guarani, acompanhadas por adultos que tocaram um violino e uma rabeca.

Observamos que algumas crianças brincavam, corriam, e deitavam-se nos colchões estendidos pelo chão. O líder da cerimônia explicou que é comum que as crianças permaneçam com os adultos na Opy e que muitas vezes precisam dormir ali e participar do ritual do pôr ao nascer do sol.

O cerimonialista nos deixou livres para nós retirarmos quando chegasse o momento combinado. Ele permaneceria com seu grupo no ritual até o amanhecer. Quando nos retiramos já era noite e a escuridão produziu um espetáculo com um céu salpicado de estrelas reluzentes. A saída da Opy uma participante expressa sua admiração entre surpresa e emocionada: “Que lindo e maravilhoso! Ainda existe céu estrelado na aldeia indígena.”

Conclusão

Como resultado desse percurso de estudo registramos, especialmente, o conhecimento proporcionado ao grupo, que culminou com os estudos sobre diferentes espiritualidades, do encontro e da generosidade da comunidade indígena em nos receber e possibilitar trocas, como da trilha na mata, das narrativas na pequena casa “espaço da memória”, com momentos de escuta e diálogos sobre as lutas desses povos que desejam existir em seus modos de vida e movimentos de resistência e, particularmente, a experiência da celebração na Opy.

Em um encontro com as discentes, concluímos que realizamos uma experiência afetiva de espiritualidade em um contexto pouco conhecido para o grupo. As falas das participantes foram de reconhecimento de que a religiosidade está presente nas diferentes práticas culturais, embora não sejam identificadas como práticas religiosas à primeira vista, especialmente em se tratando de contextos dos povos originários com os quais temos pouco contato. Infere-se que todo o cotidiano da comunidade está ligado às suas crenças e espiritualidades.

Referências

ACOSTA, A. *O Bem Viver: uma oportunidade para imaginar outros mundos*. São Paulo: Editora Elefante, 2016

BERGER, Peter. *O dossel sagrado: elementos para uma sociologia da religião*. Tradução José Carlos Barcellos. São Paulo: Paulus, 1985.

GAARDER, Jostein; HELLERN, Victor; NOTAKER, Henry. *O livro das religiões*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

NOVAES, Lucimar Nascimento. FERNANDES, Márcio Luís. Notas sobre os Desafios da Espiritualidade Contemporânea: Uma Leitura a partir de Leonardo Boff. NOVAES, Lucimar Nascimento.

FERNANDES, Márcio Luís. Notas sobre os Desafios da Espiritualidade Contemporânea: Uma Leitura a partir de Leonardo Boff. *Caderno Teológico da PUCPR*, v, n. 1, p. 74-90, 2022. Disponível em

<https://periodicos.pucpr.br/cadernoteologico/article/view/28030/24844>. Acesso em 31 de maio de 2025.

POPOL VUH. *O esplendor da palavra antiga dos Maias-Quiché de Quauhtlemallan: aurora sangrenta, história e mito*. Tradução Crítica e notas Josely Vianna Baptista. São Paulo: Ubu Editora, 2019.

ROCHA, A. Esp. em ambiente corporativo. In: ROCHA; OLIVEIRA; MARLOW. *Espiritualidades contemporâneas*. Vitória: Unida, 2013.